



Mensagem de Natal



E o Homem passou a valer mais...

Neste ano de 1998, ao reflectir o Natal, veio-me à memória e ao coração, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Celebra nestes dias os seus 50 anos de aprovação pelas Nações Unidas e de início de adopção pelos países do mundo. Um acontecimento auspicioso, ainda cheio de desafios, de sombras e de interrogações, mas ganhando sentido e dimensão, quando lido à luz inextinguível do Natal de Jesus.

A fé no Deus criador do Homem e no Deus-Homem, Jesus Cristo, dá ao Homem que somos, um valor sem igual. Crenças no mistério da Criação, da Encarnação e da Redenção, temos luz para penetrar o mistério profundo do Homem, da sua dignidade, vocação e missão. É então que percebemos que os direitos fundamentais não são nem favor nem generosidade para ninguém, mas estão irreversivelmente inscritos na nossa natureza. Não os reconhecer é minimizar e destruir o Homem. É fazer dele um outro que não ele. Muitos o têm feito e continuam a fazê-lo, tirando o Homem do lugar cimeiro de toda a obra criada, reduzindo-o a objecto, expropriando-o e fazendo dele sujeito de consumo, joguete de interesses, valor de pouca monta.

Ao assumir a condição humana, Deus veio pôr de novo ordem na criação, hierarquia nos valores e primazia na pessoa. Veio dizer-nos que valemos mais que todas as coisas criadas, inventadas ou construídas mesmo neste tempo em que parece que só têm valor as conquistas do saber e da técnica. Só o Homem recebeu a capacidade e a missão de dominar todas as coisas. Só ele é capaz de amar e de ser solidário, de dar sentido à alegria e à dor, de se sentir irmão do seu semelhante, de dar a vida e de a retomar, de consciencializar no presente o sentido do passado e do futuro, de se ultrapassar a si próprio, consciente da sua limitação e, ao mesmo tempo, da sua vocação de transcendência.

Os Direitos Humanos precisam da luz do Presépio, a única que lhes dá e mantém a sua dimensão. Deus Pai também quis precisar da natureza humana para nos mostrar o valor e o apreço que por nós tem.

Não é preciso voar longe para aprender este gesto de Deus. Começemos em casa, no prédio, na rua ou no trabalho, onde ainda todos têm nome e rosto de nós conhecidos, a viver a lição do Natal de Jesus, no amor, no respeito na solidariedade para com o outro, quem que ele seja. A partir daí, iremos com verdade, a Timor, à Guiné, às Honduras, longe ou perto e onde for preciso.

Poderemos ter, neste ano de 1998, melhor celebração do Natal de Cristo e da declaração Universal dos direitos Humanos?!...

Desejo a todos um Natal de amor, de paz, de reconhecimento e respeito pelos seus direitos!

*António Macedo
Bispo de Aveiro*



GOVERNO CIVIL DE AVEIRO
Gabinete do Governador

MENSAGEM DE NATAL

Época fraterna e solidária por excelência, o Natal reveste-se de um espírito particularmente simbólico, misto de uma natural revitalização de conceitos e de valores, bem como de um tradicional sentimento de dádiva e de partilha.

Paço privilegiado de referências à união e à paz, o Natal é, também por isso, espaço de reflexão que aproxima as comunidades, congregando nobres ideais e boas-vontades que despertam os homens para realidades que, regra geral, lhes vão passando ao lado na azáfama do quotidiano.

Parafraseando o poeta que, tão bem e de forma tão simples, nos transmitiu o entendimento de que «Natal é quando um homem quis», queiramos estender este princípio a cada momento e a cada dia, valorizando a essência de ser humano numa sociedade seguramente mais justa e igualitária.

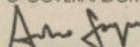
É nesta perspectiva, que enquadra, legítima e compatibiliza a humanidade, que a todos quero desejar um Santo e Feliz Natal, formulando os mais sinceros votos de que, ao longo do Novo Ano de 1999, possa subsistir, reforçado, este clima natalício de aproximação que gera justiça e solidariedade entre todos.

Da Serra da Freita ao Atlântico
e do Douro ao Buçaco,

DISTRITO DE AVEIRO

Uma realidade económica e social
dinâmica e de progresso.

O GOVERNADOR


(Dr. Antero Gaspar de Paiva Vieira)



Cidade de mar e Ria

O casario reflectindo-se na água das canais. Os matizes suaves da Ria, felto de água, de céu e das velas brancas dos moliceiros. Extensos areais que o sol aquece. A branca espuma de um mar lodado. O sabor de receitas ancestrais. A emoção dos desportos náuticos.

Prazeres de Aveiro para férias diferentes, completas. Certeza de um turismo com futuro.



Câmara Municipal de Aveiro




AVEIRO
CIDADE DO FUTURO

O presépio de barro na tradição cristã e na cultura portuguesa

Fídiás, o mais célebre dos escultores da Grécia antiga, justificava o grande empenho que os mestres escultores gregos punham na representação dos deuses do Olimpo, desta forma: «Se damos aos deuses a forma humana, é porque não conhecemos outra mais bela». Não surpreende, pois, face à prática e ao saber dos gregos que também outros povos, entre os mais evoluídos, tenham seguido semelhantes maneiras de interpretação do divino.

De resto, desde os mais remotos tempos da Humanidade, os grandes momentos da vida, tais como o nascimento, o casamento e a morte, foram encadados de forma mais ou menos respeitosa e, por vezes, mesmo até com veneração, numa envolveria de mistério. Daí que muitas religiões lhes tenham dedicado espaço de relevo no seus rituais, mais ou menos alargados consoante a perspectiva humanista das civilizações em que se desenvolveram, como de resto ainda lhes dão significativa importância os cultos de feição tribal, na consideração do que esses momentos podem representar na manutenção e crescimento das suas comunidades.

O Cristianismo, naturalmente, fazendo síntese de conhecimentos religiosos herdados das civilizações que se cruzaram, por milénios, no Crescente Fértil como nos coredores que para aí convergiam de diversas *monoteístas sagradas*, desenvolveu doutrina própria, profundamente humanizada, dessas etapas da vida do homem, nomeadamente, envolvendo o Filho de Deus. No Antigo Testamento, nesse sentido, diversos exemplos motivavam o povo de Deus para que se preparasse para o nascimento do Enviado - o Messias, o Salvador, Javé.

Momento alto, portanto, haveria de ser o nascimento de Cristo, Filho de Deus, conciliando aspirações do homem com os desígnios divinos, num certimonial de extrema singularidade mas de rara sensibilidade, para o qual convergiam, aliás, outros de semelhante beleza e ternura, plenos de mensagem divina, tais como a Anunciação e a visita a Santa Isabel.

De forma um tanto semelhante se poderia analisar o *mistério* da morte e ressurreição do mesmo Filho de Deus, sempre na perspectiva do cumprimento dos textos sagrados.

A verdade é que, organizada a Igreja, primeiramente na clandestinidade, sob permanentes actos de perseguição mais ou menos violentos dos imperadores romanos e, depois, beneficiando já de um estatuto de tolerância ou mesmo de privilégio

na estrutura do império, essas etapas de profunda vivência religiosa e humana haveriam de merecer o carinho por parte dos artistas da época, sedentos de novas oportunidades criadoras. Numa primeira fase, a resistência nas Catacumbas havia determinado o recurso a símbolos que só os iniciados entendiam em toda a plenitude; mas com a expansão que o Cristianismo conheceu pelos séculos III/IV, foram surgindo interpretações figurativas nem sempre fáceis de controlar e difíceis de manter em consonância com os textos bíblicos.

Impunha-se, portanto, para evitar erros interpretativos, que um mínimo de re-

gras pudesse ser aceite de norte a sul, do nascente ao poente, dado o parco conhecimento que algumas comunidades cristãs tinham, sobretudo do Novo Testamento. Mas as dificuldades no seio da Igreja, resultantes porventura do rápido crescimento, eram enormes. Enquanto não fossem definidos, rigorosamente, os princípios teológicos, não se podiam traçar as regras interpretativas para os artistas. Ainda assim, já no concílio de Niceia (325) se tinham acertado algumas linhas globais de acção, com a presença de 318 bispos e do próprio imperador Constantino.

Nem tudo, porém, se pacificou. Mas

pela *Vulgata*, sabidamente organizada por S. Jerónimo (um dos grandes teólogos da Igreja) entre os finais do século IV e princípios do século V, e pelas múltiplas intervenções deste, proliferou a representação de miniaturas de carácter religioso, como forma de incentivar a vivência da fé.

Pelos séculos VII e VIII houve ainda contestação ao culto das imagens, defendido por uns com entusiasmo, mas também atacado por outros que viam nisso um retrocesso e identificação com rituais pagãos politeístas. Daí que se tenha discutido, em diversos concílios, esta problemática, nem sempre de forma pacífica. Em 769, no Concílio de Roma, determinou-se que as *relíquias e imagens fossem honradas segundo a antiga tradição* e o II concílio de Niceia (787), em que participaram 377 bispos, *anatematizou a impiedade dos iconoclastas...* e *reestabeleceu na Igreja o culto das Santas Imagens*. Ficou assim aberto e sem peias o caminho à feitura de imagens, pequenas ou grandes, na pintura, na escultura, no desenho... para maior exercício da fé. E se a doutrina defendida por S. Jerónimo acabou por ser tomada como linha de continuidade, as ordens mendicantes, pela singularidade de vida, foram determinantes na sociologia popular dessa forma de vivência cristã, nomeadamente pelo exemplo de S. Francisco de Assis e seus companheiros, voltados para o culto da natureza, numa mensagem de simplicidade e humanidade que tocou, bem fundo, as comunidades do tempo. Com os franciscanos, a Igreja tomou-se mais aberta aos pobres, receptiva à participação da gente humilde *ou gente pobrezinha*, como dita *o Poverello*.

Por Quatrocentos e por Quinhentos, numa disputa sem tréguas entre as repúblicas italianas e outras cidades mercantis, nomeadamente da Flandres, houve uma incessante busca de novas formas e técnicas que, com novas perspectivas, combateram a escolástica, o formalismo e o tradicionalismo da Igreja, apresentando-se com uma visão mais *humanista* e crítica. Gradualmente, extremaram-se posições levando à separação de algumas igrejas, em relação ao reconhecimento do Papa como chefe do Catolicismo.

O presépio na Igreja, após o Concílio de Trento

Em resposta, este e as igrejas católicas da maioria dos países da Europa reuniram em Trento (1545-1563), aqui definido *as novas estratagemas para a acção da Igreja*.



Figuras de presépio: o adoração dos pastores

No que respeita às artes, ainda que tenha sido aprovada a manutenção das imagens religiosas, estas, todavia, não passaram de símbolos das liturgias celestiais, pelo que o Concílio de Trento determinava e advertia, na XXV sessão, realizada entre 1563, que se fizessem imagens para glória de Deus, pois das sagradas imagens se recebe grande fruto, não só porque se manifestam ao povo os benefícios e mercedos que Cristo lhes concede, mas também porque se espelham aos olhos dos Fieis os milagres que Deus obra pelos Santos, e seus santíssimos exemplos.

Assim, o Concílio fez rumar a arte da Contra-Reforma pelo caminho do heróico e do maravilhoso, advertindo no entanto que nas representações toda a lascívia deveria ser evitada, de modo que as Imagens não sejam pintadas com formosura dissoluta. O que, por outras palavras, e sobretudo tendo em conta a acção dos Prapalores e a fiscalização-repressão do Tribunal do Santo Ofício, claramente deixava adiver até que ponto se poderiam alargar os artistas na sua actividade criadora. Ou, por outro lado, tendo em conta a maioria da clientela artística, claramente de carácter religioso, artistas houve que foram obrigados a cristianizar as suas obras, da mesma forma que muitas foram rejeitadas e condenadas. Em conformidade, os artistas populares, sem discutirem as decisões conciliares ou episcopais e sem grandes rancos imaginativos, foram continuando a fazer os principais quadros da vida de Cristo, nomeadamente o Presépio, alargado às vezes à Anunciação, à Natividade, à Adoração dos Pastores e dos Reis Magos... Mais ou menos teatralizadas, estas cenas natalícias que podiam radicar na sugestão de S. Jerónimo, ganharam consistência com as pregações e os exemplos de S. Francisco, para se estenderem um pouco por toda a Europa.

Não se sabe se tiveram maior aceitação pelas áreas urbanas ou nas comunidades religiosas de montanha, ou se ganharam aceitação imediata pelos centros marítimos. Mas, sabe-se que uma pléiade de artistas populares confeccionou em barro figuras de santos, como a Paixão e a Natividade. E sabe-se, também, que a arte

dos presépios estava já arraigada no culto das gentes pelos sécs. XIII/XIV, nomeadamente na Itália, no Tirol, na Provença e pelo Mediterrâneo europeu, onde se faziam conjuntos de grande beleza, apreciados pelo realismo da modelação das figuras. Pode dizer-se até, que apesar das vicissitudes do tempo, quase nada belicoso este costume tão singelo e tendo quase rito em mensagem cristã, fazendo-se de barro cortejos de figuras.

E porque tão bem aceite pelo gosto popular, portugueses e, depois, também os espanhóis, como mensageiros do espírito tridentino, o levaram por mares distantes para os quatro pontos do Mundo. Nem sempre em barro (como em madeira, márfil, etc.), mas na sua maioria

feitos do *vil pó*, por facilitar o jogo da cor e movimento teatral, a tradição dos barristas passou da Europa ao Universo, com anjos e santos e figuração múltipla, para maior glória de Deus.

A semelhança das figuras dos Presépios, todos os outros mistérios foram tratados, de forma exuberante, ao ritmo de cada estilo, no espaço da Igreja, isto é, onde quer que o culto cristão se tenha enraizado. Da mesma forma, o hagiólogio foi campo vasto para a criatividade das artistas, sob a orientação das hierarquias, sempre com base nas determinações de Trento, ainda que notocadas consoante os tempos.

Se a época contemporânea conheceu correntes de acenuado racionalismo e ventos positivistas, entre outras, e algumas assumiram claramente posições de combate

ao clero e à Igreja, nem por isso oculto das imagens, renovado na liturgia, deixaram de contar com extraordinários exemplos, pelos séculos XIX e XX, saídos das mãos de grandes artistas.

A verdade, porém, é que oculto dos santos, nas igrejas como nos centros devocionais, em geral, não voltou a conhecer o entusiasmo dos séculos XVIII/XVIII, eminentemente apologeticos.

Após os grandes embates dos finais do século XIX — sobretudo ideológico-sociais e os conflitos mundiais, urge reflectir, globalmente, sobre a missão da Igreja, o que veio a acontecer no Concílio Vaticano II. Aqui, debaridos profundamente todos os problemas que lhe diziam respeito, não só perante o mundo como também internamente e no que toca à liturgia, tinha que ser abordada a questão da Arte Sacra e das alfaias litúrgicas.

Mais especificamente, sobre o culto das imagens foi af decidido que se mantivesse o uso de expor imagens nas igrejas à veneração dos Fieis. Sejam, no entanto, em número limitado e na ordem devida, para não causar estranheza aos Fieis nem contemporizar com uma dicção menos ortodoxa. Isto é, faz-se um apelo à moderação na exposição de imagens, convidando, a um centralismo na devoção. Por outro lado, restringindo-se imagens poderá levar-se ao esquecimento de exemplos edificantes. Assim, os santos que durante séculos tiveram nas igrejas a sua principal clientela, vêem agora o seu vasto campo de trabalho mais limitado, já que as imagens dos santos têm que ser em número limitado.

Apesar de tudo, não está fechada a porta aos santos, em qualquer matéria que seja, muito menos aos barristas, se a obra tiver qualidade e for adequada aos parâmetros da liturgia. Até porque a Igreja tem mostrado ter muito apreço pelas suas antiguíssimas tradições e, entre estas, o barrista assume-se como dos mais antigos *fazedores* de santos.

Será, pois, uma tradição que perdurará, apesar de tudo, pelos séculos além, não obsiante as vicissitudes do tempo... e da Igreja.

Amaro Neves,
Barristas Aveirenses
(adop.), FEDWAIE



Presépio: pastores e Sagrada Família

Roteiro de Compras

Aventuras no reino do comércio

A quadra natalícia traz todos os anos consigo uma azáfama comercial sem paralelo. As ruas enchem-se de pessoas e, das pequenas às grandes superfícies, tudo gira numa roda-viva embalada pelo espírito de Natal e... das compras. Aveiro não foge à tradição e dispersa-se pelas ruas. Para que os compradores mais distraídos não se percam, o Campeão das Províncias fez uma pequena incursão na vida comercial aveirense e, em jeito de roteiro de compras, vai dando algumas dicas...

Na "cidade dos canais", a Avenida Lourenço Peixinho é um espaço comercial por excelência, onde há um pouco de tudo e onde o comércio está presente em todas as suas vertentes. Para além disso, é também um ponto de partida de referência para um sem-número de artérias secundárias que se revestem, na sua maioria, de lojas e espaços onde a filosofia de compra e venda é lei. Locais privilegiados para o comércio tradicional, estas ruas albergam hoje grande parte dos espaços comerciais aveirenses, que se espalham ainda por outras artérias, como a Avenida 5 de Outubro ou o Rossio e Praça do Trivez.

Numa quadra em que o verbo comprar se apresenta como palavra fundamental, quis o obrigatório, no vocabulário dos cidadãos, a principal dificuldade reside, muitas das vezes em saber onde comprar o quê. Uma situação na qual o preço dos produtos dita, quase sempre, a "sentença" final, mas onde a qualidade e atendimento deixam também grandes marcas.

Para além das tradicionais compras de presentes, o Natal incute também nas pessoas uma certa necessidade de cuidados pessoais mais esmerados e distintos. Prova disso, são os apetrechos e peças de vestuário "irresistíveis", os sapatos e as longas horas passadas no cabeleireiro para que, depois dos termos contemplados os outros, a dedicação seja, sobretudo, na primeira pessoa.

Passado em revista todas as acções mais elementares e características da época natalícia, temos facilmente a percepção do seu caráter marcadamente comercial, onde tudo gira em volta dos gostos da família e amigos e de nós próprios.

Para facilitar a tarefa dos comprado-

res, o Campeão das Províncias dá a conhecer alguns dos locais onde pode gastar as energias reservadas às compras e arranjos do Natal. Diversidade, escolha, cores, marcas, modelos, preços... tudo em diferentes compassos para uma seleção mais ponderada e correcta.



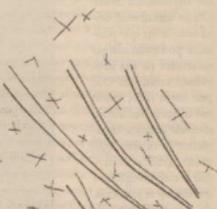
Multiplicidade na oferta

Rem no centro da Avenida Lourenço Peixinho, e fruto de uma génese com "a terra do nascente", encontra-se o Centro Comercial Oita, espaço que alia às compras ao lazer, numa balada nipónica. Um espaço fechado e acolhedor, há (quase) tudo para que o acto de comprar se torne o mais confortável possível. Para além das lojas de vestuário e peles, o Oita encerra em si uma panóplia comercial, proporcionando uma escala diversificada quer a mesma recorra sobre artigos de pelúcia, material escolar, agendas e biléctos, quer sobre as últimas

novidades musicais ou as mais inescusáveis recordações, quer ainda sobre os mais variados acessórios. Durante a correria das compras, o Oita prevê as normais pausas para descansar e oferece ao público locais onde um pequeno-almoço ou um lanche aparecem sempre como desculpas ideais para fazer um balanço ou um prognóstico das compras.

O vestuário infantil/juvenil tem um dos seus pontos de referência na Lua de Papel, situada na Rua José Estêvão. Das pequenas às grandes cores, por entre cores e modelos apetecíveis para este Inverno, a Lua de Papel oferece uma grande variedade de vestuário que faz as "delícias" dos pais mais vaidosos e "babados" com os seus mais pequenos "rebentos".

Para os mais crescidos que dedicam grande parte do seu tempo a actividades radicais e que vivem sempre no limite, um dos locais de culto é, sem dúvida, a loja Portugal Radical. Tal como o programa televisivo, a loja espelha uma forma arrojada e corajosa de enfrentar a vida através das várias peças que comercializa. Na Praceta



Alberto

Souto, encontramos todos os artigos de *street wear* e *active wear*, bem como uma grande quantidade de acessórios - skates, patins em linha - e de material técnico - fatos de surf, bodyboard, parapente, entre muitos outros. Quando a aventura não é só um estado de espírito mas um complemento indispensável da vida, os mais audazes elegem a Portugal Radical como uma segunda casa, um local que lhes proporciona todos os elementos para aventuras sem limites.

O Natal é muitas vezes desculpa para uma recompensa, normalmente destinada aos filhos. Para os jovens "amantes" das novas tecnologias, a informática apresen-

Natal Feliz é na...

LUA DE PAPEL

MODA INFANTIL E JUVENIL

RUA JOSÉ ESTÊVÃO, 14 - AVEIRO - TEL./FAX (034) 385310

CASA LONDRES

LEONEL CORREIA - DECORAÇÕES, LDA.

CORTINADOS · REPOSTEIROS · ACESSÓRIOS
SOFÁS · DECORAÇÃO DE INTERIORES

Praça 14 de Julho, 7 10
AVEIRO
Tel./Fax: 034 24644

Sinta-se embalado nos braços da Rm...

HOTEL MOLICEIRO

Rua Barbosa de Magalhães, nº 15/17 - 3800 Aveiro
Tlf. 034 - 377400 - Fax 034 - 377401
E-mail: hotelmoliceiro@mail.telepac.pt



ta-se sempre como um mundo infindável de recursos e opções. Instrumento privilegiado de conhecimento, diversão e trabalho, que se torna, cada vez mais, essencial para tomar-nos e no nosso quotidiano, mais eficazes, eficientes e cerosos. A W3 Computadores é uma das mais recentes soluções informáticas em Aveiro. Um espaço moderno apetrechado com as últimas novidades da era da informática, quer para os "amantes" dos jogos, quer para os trabalhadores natos. A Rua Almirante Cândido dos Reis abre as portas a um mundo sem limites e sem paralelo, muitas vezes à distância de um *clack* no rato. Para além das versões mais recentes de programas e jogos, a W3 Computadores disponibiliza um conjunto de modelos de computadores, dos mais potentes aos mais eficazes. Entre portáteis e "cascos", a escolha é grande e, como tal, promete ser difícil. A qualidade é um dado adquirido, num espaço que acolhe tudo o que de melhor a informática tem para oferecer, proporcionando desempenhos verdadeiramente notáveis.

Design moderno na decoração de interiores

Os artigos de decoração constituem uma das mais apreciadas escolhas para embelezar qualquer casa na quadra natalícia. Artigos que deixam "no ar" um espírito moderno e renovado e que transmitem uma sensação de elegância e requinte.

A Viatreze, situada na Rua do Rato, é um local privilegiado em decoração de interiores, onde os *designs* arrojados e modernos, que por vezes dão forma a peças únicas, constituem uma das mais apetecíveis desculpas para uma visita. Um espaço onde o mobiliário tem também uma presença importante, quer se

destine a embelezar uma sala ou tomar mais prática uma cozinha. Desde peaos, copos e galiteiros, a jarras, candieiros, suportes para revistas e velas, tudo tem um toque especial de originalidade, assente em feitios inovadores. Na decoração, onde a criatividade é

um toque fundamental, é preciso saber ser diferente, por vezes ousado, apostando num *design* adequado ao interior da casa e, ao mesmo tempo, tendo coragem para mudar.

O espaço interior de uma casa vale, não só pelo mobiliário e acessórios que tem, mas também pela sensação de conforto que consegue proporcionar. É numa quadra fria como no Natal, muitas vezes a vontade de "construir" um atmosfera mais acolhedora, levamos a apresentar também o nosso espaço familiar. A Casa Londres, que tem já grande tradição na arte da decoração de interiores, dispõe de uma multiplicidade de tecidos e acessórios para cortinados e sofás, das mais variadas padréis e cores. Uma loja onde os gostos mais diversos encontram sempre paralelo numa conjunção de tecidos e de materiais que, em conjunto, permitem transformar um espaço frio e distante, num local familiar e acolhedor. Na Praça 14 de Julho, a decoração de interiores tem paragem recomendada, num espaço que ajuda a preencher ou tornar mais confortável um lugar mais pessoal.

Local de referência na decoração de interior é também a Loja da Calçada. Situada na Rua Tenente Resende, a loja premeia todos os seus clientes com uma diversidade de artigos de ornamentação. Peças que enriquecem os compartimentos de uma casa e ajudam a transformá-la conforme a moda do momento e o gosto pessoal.

Um Natal diferente e um toque pessoal

O Natal é também uma quadra que

convida ao embelezamento pessoal. Para além do vestuário, calçado e outros adornos, o espírito natalício convida também, muitas vezes, a uma mudança de visual e a atenções redobras no aspecto. Paula Matos - Salão de Cabeleireiro e Estética, proporciona

Mendonça, molda o aspecto comum e "rotineiro" que uma mulher adquire com o passar do tempo, rejuvenescendo e libertando uma aparência mais moderna e atraente.

Apesar de ser uma quadra tradicionalmente familiar, o Natal pode ser passado, contudo, for a do ambiente casero, embora num espaço igualmente acolhedor. Na "cidade dos canais" e junto à Ria, o Hotel Moliceiro apresenta-se como um dos locais privilegiados para uma noite bem passada. Com um atendimento simpático e uma localização estratégica, o Hotel Moliceiro encontra-se preparado para receber de forma exemplar, oferecendo um espaço onde a qualidade é de eleição. Um espaço recente e moderno, simulando uma decoração elegante e um conforto tentado.

Para quem estiver disposto a "grandes gastos" neste Natal, a compra de imóvel apresenta-se sempre como uma opção viável. A Carpe Diem, uma das mais recentes imobiliárias situada em Ilhavo, proporciona uma vasta gama de imóveis, mais ou menos luxuosos, mas onde a qualidade está sempre presente. Uma equipa de vendedores faz um acompanhamento próximo dos processos, enquadrando os clientes em todas as características dos imóveis. A imobiliária, situada na Avenida Vasco da Gama, proporciona uma compra segura e qualificada, assente num atendimento esclarecedor e atento.



um arranjo visual adequado a cada personalidade, tipo de cabelo e pele, num cuidado sempre presente e atento. O culto da beleza feminina, na Rua João



RADICAL WEAR

BOAS FESTAS

AVEIRO Praceta Dr. Alberto Souto, 42
3800 AVEIRO - Telef. 034 28844

VIATREZE design

Acompanha a evolução dos gostos e das tendências na divulgação do design

criatividade...
tendências...
design...

VIATREZE design

Rua do Rato 13.rc. d. (frente museu) 3810 Aveiro tel. 034 384931 fax 384931

“Quando o Natal espregueita — quer deixar uma mensagem”

Centro Social Paroquial da Vera-Cruz

NATAL: fraternidade, bem-estar, prendas, consumo, alegria e paz. Tudo isto faz parte desta época, confinada a um tempo e a um espaço muito curto. Cada um de nós, em suas casas muito bem guardadas do mundo. Esse mundo que lá fora a grina, por apenas, um pouco de atenção. O nosso vizinho, mesmo ali ao lado, que passou o Natal sozinho e nós nem demos por isso. Claro que não, estávamos entretidos a abrir prendas, a provar mais um doce. E aquela criança que tinha passado por nós, no supermercado, a esmolar, mas essa coitadinha que posso fazer por ela?

Desculpas e mais desculpas, para nos convencermos que afinal só não agimos porque não podemos, ou porque para quê, se toda a vida houve miséria...

Pois, este Natal pode ser diferente. No tempo dos nossos avós a palavra, Vizinho, era sinónimo de proximidade, de diálogo, de solidariedade... Hoje, vizinho significa desconhecimento e um bons dias muito rápidos, porque todos temos muita pressa.

Que bom que era fazermos um pacto de amor, contemplando a palavra vizinho, dando-lhe um novo sentido: o da preocupação com o outro, o da solidariedade, e respeito por quem é a pessoa e ainda, o da vontade de querer partilhar.

Este Natal, pode ser o do encontro com todos aqueles que nos parecem diferentes, mas que sonham com um mundo melhor.

Em cada espaço, em cada momento, em cada brincadeira, em cada olhar que fazemos, que vê de encontro ao triste olhar da criança que também queria uma boneca, à cara tristonha da velhinha que um xale bastava para passar o Inverno e lá aquele jovem que apenas quer uma mão segura para agarrar.

Como o desenho do menino que pinta o Natal às cores e gosta de o ver assim, também nós queremos esse Natal, onde

provos se entendem, e ganham com as diferenças, enriquecendo a sua vida. Cada vez mais, teremos de fazer novas aprendizagens, no sentido de criarmos laços de cooperação porque todos fazemos parte do mesmo espaço, do mesmo planeta, da mesma "raça" — a HUMANIDADE. Natal de viragem, Natal de vontades... Dê-xem que o natal invada os vossos corações, transformando os olhares em estrelas ternas, brilhantes de alegria e paz.



Que significa o Natal para cada um de nós?

Manuela Moura

Decreto que é feito de memória. Para alguns há lembranças de um carinho dos Pais, da visita dos parentes que só chegam nesta data, de um brinque-do que parecia ter vindo de um sonho. Para outros as recordações serão porventura de um dia um pouco mais triste, porque nunca nada de diferente, acontece nas suas relações, contudo por detrás das vidraças das janelas de outras casas havia mais luz e calor.

E ao Natal de criança em que o mundo girava em torno da nossa casa, sucederam-se outros Natais, com outros olhos cada vez mais inocentes, com as rugas cada vez mais cavadas, nos nossos olhos.

Cada um de nós fez um caminho diferente até hoje aqui chegarmos a este ponto comum.

Cada um de nós vê o Natal com os olhos cansados pelo caminho percorrido. Podemos fazer tantas leituras e tantos julgamentos sobre nós próprios, so-

bre o mundo em que vivemos, sobre aquilo que nos rodeia. Há porém algo de muito simples para lá de tantas luzes, de todos os cheiros e sabores, de todo o comércio, de todas as alegrias e tristezas individuais. Há uma criança que nasce e que como em todas as crianças, traz a promessa de um mundo novo.

Há uma mensagem de confiança e amor para partilharmos e comungarmos.

Há a certeza de que a felicidade mais perfeita está nos gestos de Amizade mais simples e sinceros, nos gestos que são a base de tudo o que aqui fazemos.

O ombro amigo que nos ajuda no caminho, os braços que preparam a refeição, os gestos que fazem a limpeza, as mãos que ajudam tantas mãos cansadas a lavar esses olhos enrugados, olhos esses que ainda brilham com o calor que um gesto amigo transporta no dia de Natal.

Aos Oitenta Anos

Dina Nogueira

O espelho reflectia um rosto envelhecido pelo tempo, uma expressão gasta e um olhar fixo mas distante. Observava-se atentamente e imaginava em cada ruga uma alegria vivida, e em cada cabelo grisalho uma angústia passada. A memória era-lhe traço-eira mas quando teimava, enchia-lhe o pensamento e evaziava-lhe o coração. Aos oitenta anos as pessoas sentem-se como flutuas em finais de Setembro — ainda está suspenso lá em cima mas sabe-se que é por pouco tempo.

A campainha soara lá longe reagiu lentamente, encaminhando-se para uma grande sala, onde se encontravam muitos outros... Quando chegou, ainda não havia despeto da sua vigília nostálgica, mas alguém lhe tocou no braço, lhe deu a mão e disse: "muito bom dia!". "Alegre-se, hoje é dia de Natal". O homem esboçou um sorriso e mergulhou novamente no mundo desejado, na realidade que já só existia no seu pensamento.

Existem dias assim. Dias em que cogamos e enarcademos para o presente, fazendo-se apenas luz, com som e música onde nos leva o coração.

Era o primeiro Natal passado longe da sua casa e dos seus e, se não fosse ser tão ciente a Deus, diria certamente que este aniversário era não digno de letra maiúscula. Não que o tivesse a raiva ou outros sentimentos arrogantes mas, porque o desencantamento mas, porque o desencantamento sobrava na sua vida.

Não há dúvida que esta idade, designada por trezeira, não está isenta de desafios e, afigura-se me serem de alguma severidade. Por menos óbvio que pareça, talvez por não implicarem uma acção para que se resolvam, ou por parecerem ao domínio dos afectos, estes desafios fazem do idoso a personagem mais corajosa, provavelmente o herói da sua própria história.

Esconde-o a sua capa grossa e escura, revelando as suas palavras doces e quentes.

Pouco a pouco, o homem despertava do seu sonho acordado e já havia sido feliz por uns momentos. Aproximou-se da mesa, juntou-se aos seus companheiros e por algumas horas retornou ao seu mundo. Foi feliz, apenas não sabia, pois estava distraído. A noite era fria e escura e algumas estrelas começavam a despontar, povoando rapidamente o céu de sinais luminosos. Assim é a vida do homem — as estrelas estão lá, mas só por vezes se mostram; são os tempos quando olhamos para elas e só as admiramos quando queremos.

Por detrás do espelho, estava uma criança escondida, brincando com o seu próprio reflexo, como que pretendendo assustar.

O outro, que era ela própria afinal... Anima-a a imaginação, o faz de conta, a fada madrinha, o pai natal, movimentando-se no fantasma, integrando a realidade.

No Inverno, a fantasia já não é tão inebriante e a realidade está demasiado presente e consciente. Provavelmente há que reinventar a realidade e dotá-la de diferentes significados. Há também que acalhar e pintá-la com os pinócs que temos e com as tintas que nos fazem dilatar a tria, enfim... Há que expor as ruínas e admirar as estrelas ou mesmo acordar para a madrugada e captar os raios de sol de um novo dia que logo cedo nos presenteará...

LC LOJA DA CALÇADA

DECORAÇÃO DE INTERIORES

direcção de:
Enaida Morais Marques

Deseja a todos os
seus Clientes e
Amigos
Boas Festas

RUA TENENTE RESENDE, 21 (junto à Praça do Peixe) - 3800 AVEIRO - Telef. 034 23345

Receitas de Natal

Bacalhau Cozido

Ingredientes:

- Postas de bacalhau alto
- Couve portuguesa
- Batatas
- Ovos
- 0,5 dl de azeite por pessoa
- Dentes de alho
- Vinagre

Modo de preparação: Coza as postas de bacalhau bem demolhado com couve portuguesa. À parte, coza as batatas com pele e um ovo por pessoa. Na altura de servir descasque os ovos e tire a pele às batatas. Deve preparar tudo à própria da hora, para servir bem quente.

Molho: Leve ao lume o azeite com os alhos abertos ao meio. Quando levantar fervera retire do lume e junte vinagre.

Arroz de Polvo

Ingredientes:

- 2 dl de vinho tinto
- 0,5 l de azeite
- 1,5 l de caldo (pode juntar água quente)
- 2 cebolas inteiras
- 4 dentes de alho
- 400 g de arroz
- Louro, pimenta, sal fino, salsa picada

Modo de preparação: Comece por cozer o polvo numa panela de pressão durante 25 minutos com o vinho, uma cebola, o louro, a pimenta e um fio de azeite. Depois do polvo estar cozido, corte-o em bocadinhos e tempero com sal. Pique a cebola e os dentes de alho e refogue com o azeite. Entretanto, deverá ter coado o preparado onde cozeu o polvo e verifique se tem 1,5 l de caldo. Se não tiver pode juntar água quente até fazer a referida quantidade de caldo. Junte ao refogado o caldo e quando ferver deite o arroz. Rectifique os temperos. Deixe cozer durante de cerca de 10 minutos. Retire do lume e junte o polvo. Polvilhe com salsa picada.

Bacalhau Albardado à Moda de Águeda

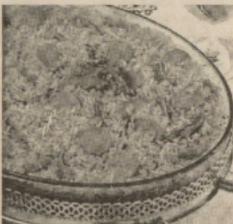
(in Cozinha Regional - Região de Turismo Rota da Luz)

Ingredientes:

- 400 g de bacalhau
- 2 ovos
- 3 gema
- 1 cebola
- 5 colheres de sopa de azeite
- 5 colheres de sopa de água
- Azeite para fritar
- Mostarda
- 1 ramo de salsa
- Sal e pimenta q.b.

Modo de preparação: Corte o bacalhau bem demolhado em filetes grossos, envolva-os em ovos batidos e frite-os em azeite. Coloque o bacalhau numa travessa e regue com o molho que é preparado à parte.

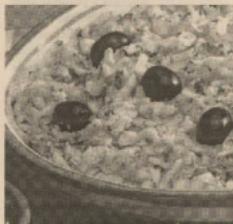
Molho: Aloure-a-se a cebola picada em 5 colheres de azeite, junta-se água, sal e pimenta, deixando ferver um pouco. Depois tira-se do lume e engrossa-se com as gemas. Salpica-se com salsa picada e mostarda.



Peru Assado e Recheado

Ingredientes:

- 1 peru pequeno
- 2 limões
- 250 g de carne de porco picada
- 250 g de fígado de vitela picado
- 50 g de toucinho picado
- 1 cebola pequena
- 50 g de pinhões
- 50 g de azeitonas



Lombo de porco com maçãs

Ingredientes:

- 1 pedaço de lombo de porco
- Batatas
- Sal, pimenta (molha na alruva)
- Margarina e óleo (em partes iguais)
- Louro, amêndoas e tomilho
- 4 maçãs

Modo de preparação: Ate o lombo de porco com um fio, como se fosse um paio. Tempere com sal e pimenta. Num tacho coloque a margarina e o óleo e aloure a carne de todos os lados. Retire o lombo do tacho e coloque as batatas descascadas, o louro e o tomilho (q.b.). Deite saltear sobre o lume agitando sempre o tacho. Coloque de novo a carne no tacho e regue-a com um copo de água quente. Rectifique os temperos, tape e deixe cozer em lume brando, virando carne e as batatas de vez em quando.

No fim, descasque as maçãs, corte-as em gomos e aloure-as em margarina. Retire o fio ao lombo e sirva-o com as batatas e com as maçãs.

re-lhe as linhas com que foi cozido e sirva-o acompanhado com ervilhas saltadas, cenouras estufadas e agriões frescos.

(NOTA: um peru de 5 Kg recheado leva cerca de 4 horas a assar. Se começar a alortar muito cedo, envolva-o em folha de alumínio).

Bilharacos à moda da D. Helena

Ingredientes:

- 1 albobora
- Firinhas com fermento q.b.
- 4 colheres de sopa de açúcar
- 3 ovos inteiros
- Açúcar e canela q.b.

Modo de preparação: Depois de descascar a albobora, parta-a em pequenos bocados e leve-a a cozer com água e sal. Depois de estar cozida esprema a albobora muito bem e coloque-a num pano a escorrer de um dia para o outro. De seguida, amasse muito bem a albobora com as mãos e misture o açúcar e os ovos inteiros, mexendo sempre. Depois, junte a farinha até obter uma massa consistente. Deixa-se repousar cerca de meia hora. Com a ajuda de duas colheres de sopa, forme pequenos bolinhos achatados e leve a fritar em óleo bem quente. À medida que os bolinhos forem sendo fritos deve colocá-los sobre papel absorvente. Depois de fritos, envolvem-se em açúcar misturado com canela.

(NOTA: No caso dos bolinhos se começarem a demandar ao fritar, deve acrescentar mais um pouco de farinha ao preparado.)

Rabanadas à moda da D. Helena

Ingredientes:

- Pão de casete próprio para ribanadas
- Leite q.b. (para demolhar as fatias de pão)
- 5/6 ovos (para envolver as fatias de pão)
- Canela
- 1 cálice de Vinho do Porto
- Açúcar e água para a calda
- 1 casca de limão
- 1 pau de canela

Modo de preparação: Parta o pão em fatias não muito grossas e demolhe-as em leite previamente aquecido (mas que deve estar morno), misturado com açúcar (a gosto). Não deve deixar ensopear muito pão. Bata os ovos inteiros e envolva as fatias de pão. De seguida, frite as fatias de pão em óleo até ficarem douradas. Entretanto, prepare a calda: junte água e o açúcar com a casca de limão e o pau de canela, deixando ferver durante mais ou menos 3 minutos. A seguir, junte o cálice de vinho do Porto. Demolhe as fatias douradas na calda. Coloque as rabanadas numa tava e polvilhe com canela. Com a calda que sobra regue as rabanadas.

- 100 g de miolo de pão
- Leite
- 1 colher de sopa de salsa picada
- 3 colheres de sopa de manteiga
- 2 ovos
- 1/2 dl de aguardente velha
- Vinho branco
- Sal, pimenta e noz-moscada q.b.

Modo de preparação: Prepare o peru e ponha-o de molho, em água fria com os limões em rodelas, de um dia para o outro. No dia seguinte, enxugue o peru e recheie-lhe o papo com a seguinte mistura: pique a cebola e aloure-a com uma colher de sopa de manteiga e junte as carnes, os pinhões, as azeitonas sem caroço, o miolo de pão amolecido em leite e a colher de sopa de salsa picada. Ligue com os ovos batidos e a aguardente e tempere com sal, pimenta e noz-moscada. Feche a abertura com agulha e linha e deixe ficar durante algumas horas.

Coloque o peru num tabuleiro, regue-o com a restante manteiga derretida e leve a assar em forno médio (180°C). À meia da assadura refresque o peru com um pouco de vinho branco. Depois de assado reti-

A Árvore de Natal

Um dos símbolos de Natal mais bonitos é, sem dúvida, a árvore de Natal decorada com todos os bralhanes e bonitas luzinhas coloridas. Os pinheiros sempre representaram um importante papel no Natal, desde tempos remotos, assim como as decorações das casas com azevinho e visco.

Recuando no tempo podemos encontrar vestígios deste ritual na idade Média: quando chegava o Outono e as folhas das árvores começavam a cair, as pessoas acreditavam que os espíritos que habitavam as árvores as tinham abandonado e já não voltariam e, assim, as árvores deixavam de

dar fruto. Para resolver a situação, durante o solstício de Inverno, as populações penduravam panos coloridos e outras decorações, para tornar as árvores mais atraentes e chamar de novo os espíritos. Um ritual que parecia dar resultado já que, na Primavera, as árvores voltavam a florir.

Já no século XVI, na Alsácia, na zona de Estrasburgo, existia o hábito de levar árvores para dentro de casa, com o objetivo de as decorar durante a época de Natal. Uma prática que terá origem pagã. No antigo Egipto, os pinheiros eram mesmo símbolo de vida eterna. O hábito de fazer árvores de Natal deverá tam-

bém estar ligado à imagem das árvores do Paraíso, cujas maçãs são hoje representadas pelas bolas de Natal.

Nos séculos XVII o costume da árvore de Natal espalhou-se pela Alemanha e Escandinávia; por vezes, a árvore era acentuadamente decorada - primeiro, com velas e guloseimas, e depois, com maçãs e pastelarias; mais tarde, com uma parafinada brilhante produzida em massa.

O primeiro povo a adoptar o costume de trazer uma árvore para dentro de casa foi o germânico, depois de se converter ao cristianismo.

O sucesso da árvore de Natal nos países protestantes foi enfatizado pela lenda que atribui a tradição ao próprio Martinho Lutero (nos países católicos este costume em desconhecimento até este século). Conta-se que Lutero colocou uma árvore que colou no centro de casa, decorada com velas, para mostrar aos seus filhos a beleza das estrelas. A partir de então, as árvores decoradas com luzes e ornamentações brilhantes ganharam popularidade. Em Inglaterra a tradição foi popularizada pelo príncipe Alberto, da Alemanha, marido da Rainha Vitória. Os emigrantes alemães levaram a árvore de Natal para a América no século XVII. Árvores de Natal na via pública com iluminação eléctrica, foram introduzidas na Finlândia, em 1906 e nos Estados Unidos (Nova Iorque) em 1912.

6. Para o Natal eu quero que tu des brinquedos para os meus irmãos e sobrinhos.

Eu quero que tu des de comer e calzoninhos de sabonete e aprender a ler as letras e as palavras e a estudar.

Umas vezes tem muitas crianças mas há umas diferentes das outras porque não têm família.

6. Para o Natal eu quero que tu ajudes as crianças.

Feliz Natal



Eu quero que tu des de comer e calzoninhos de sabonete e aprender a ler as letras e as palavras e a estudar.

Feliz Natal



Eu quero que tu ajudes as crianças.

Eu quero que tu ajudes as crianças.

Eu quero que tu ajudes as crianças.



Eu quero que tu ajudes as crianças.

M. João, 7 anos; Carla, 7 anos; Joana, 10 anos
Desenhos sobre o Natal - crianças das Florinhas do Vougo

O Pai Natal

O Pai Natal nem sempre foi tal como hoje o conhecemos. De facto a imagem actual é da responsabilidade dos publicitários da Coca Cola. Há muito tempo atrás, a figura do Pai Natal era representada de várias maneiras. Tanto se apresentava de fato de maço como coberto com mantas de várias cores. Na cabeça, os ornamentos também variavam conforme os costumes tradicionais de cada região: azevinho, chapéus, barretes...

Em 1912, o ilustrador caricaturista Thomas Nast, que trabalhava no jornal novo iorquino Harper's

Illustrated Weekly, vestiu o Pai Natal com um fato vermelho debruado com uma pele branca e seguro com um cinto de cabaeda. Durante cerca de 30 anos, centenas de desenhos de Nast ilustraram todos os aspectos da lenda do Pai Natal. Nast estabeleceu a residência oficial do Pai Natal no Pólo Norte, em 1885, quando desenhou duas crianças olhando para o mapa do mundo, seguindo a rota do Pai Natal desde o Pólo Norte até aos Estados Uni-

dos. No ano seguinte, o escritor norte americano George P. Webster retomou a ideia, explicando que a fábrica de brinquedos do Pai Natal e a sua casa, durante os longos meses de Verão, estava escondida pelo gelo e neve do Pólo Norte.

Em 1927, a Radiodifusão Finlandesa estabeleceu a morada oficial do Pai Natal em Korvatunturi, na Lapónia, a norte do Círculo Polar Ártico.

Em 1931, o Pai Natal recebeu um novo visual

num anúncio que a Coca Cola colocou a circular. Através do talento artístico de Haddon Sundblom, a partir dessa altura, o Pai Natal ganhou estatura humana (fazendo-o assim muito mais convincente e acessível) uma barba proeminente, uma face simpática e um ar jovial. Durante cerca de 35 anos a Coca Cola usou esta imagem do Pai Natal na imprensa escrita e na televisão através do Mundo.

deu-a de animais verdadeiros e rezou uma missa. Nos anos seguintes, outros conventos imitaram a celebração, usando figuras da Sagrada Família em pedra pintada. Com a crescente divulgação do acontecimento e o passar dos séculos também as casas nobres da Europa começaram a preparar presépios, checando mesmo a rivalizar na grandiosidade e na ostentação das figuras.

Já no século XIX o costume generalizou-se por todas as igrejas europeias. Hoje, o presépio está presente em quase todas as casas particulares, instituições e escolas.

O presépio

De entre todos os costumes de Natal, o presépio é, ainda hoje, aquele que mais verdadeiramente representa o espírito cristão nas celebrações natalícias. O primeiro presépio, numa re-

presentação do nascimento de Cristo, surgiu em 1220, durante uma visita de S. Francisco a Belém, na Palestina. Uma celebração que o impressionou bastante; de tal forma que, de regresso à

sua aldeia de Assis, decidiu recriá-la. Pediu autorização ao Papa e colocou mãos à obra. Construiu uma manjedoura e colocou lá dentro uma imagem em pedra do Menino Jesus; depois, ro-

S
A
L
A
O
Paula
Matos

Cabeleiros
Estética

Membro da Haute
Coiffure Française

Rua de João Mendonça, 31-1º Dto. - Telef. 03428589 - 3800 AVEIRO

O Natal

Para mim o Natal é sempre amigos, não é debatermos uns com os outros e estar nos de acordo. É um dia muito bom e alegre, porque a família está toda junta. No Natal há uma tradição, em que todos as crianças no mundo recebem uma grande dose de amor de Dezembro ou seja, no dia de Natal faz-se o presépio. Faz-se o presépio, porque foi nesse dia que nasceu o menino Jesus. Por isso é que se sabe que o Natal é tão bom e agradável. Infelizmente há crianças no mundo que no Natal não sabem o que é uma grande.

Márcio, 9 anos

Márcio, 9 anos

O Pai Natal e os presentes

A tradição de trocar presentes no Natal não começou apenas com as prendas dadas a Jesus Cristo pelos três Reis Magos, tendo também as suas raízes nos diversos festivais do solstício de Inverno. Santamalia, o festival dos romanos, era caracterizado pela troca de presentes, enquanto que os habitantes dos países escandinavos acreditavam que o deus Odin visitava a Terra para recompensar os bons e castigar os maus.

Quando o Cristianismo se espalhou pelo mundo, Odin foi substituído por S. Nicolau, que trazia prendas para as crianças. Foi bispo de Myra, na Ásia Menor, e um dos primeiros da antiga recente igreja cristã, tendo sido apenado por causa da sua crença. É lembrado pela sua bondade com as crianças das quais é o santo padroeiro.

Na Holanda acredita-se que S. Nicolau, ou Sinterklaas como é conhecido, vive em Espanha, onde guarda um grande livro vermelho no qual escreve as boas e más ações de todas as crianças. Anualmente, no dia 6 de Dezembro, ele chega a Amsterdão num navio a vapor e anda por terra num cavalo branco. É acompanhado por ajudantes que verificam se as crianças se portaram bem antes de lhes deixarem os presentes. Nessa noite, Sinterklaas percorre a Holanda, enquanto as crianças deixam um par de sapatos cheios de comida para o cavalo. Em troca, Sinterklaas deixa-lhes presentes ou, se se portaram mal, sações.

É de Sinterklaas que advém o nosso actual Pai Natal. O teólogo Clement Clark

Moore, no seu poema "Twas the night before Christmas" deu ao Pai Natal um trenó e um conjunto de sete renas: Dancer, Prancer, Vicer, Comet, Cupid, Donner e Blitzen; Rudolph juntou-se-lhes mais tarde. Clement Clark Moore fala de uma lenda norueguesa onde descreve S. Nicolau como um correcto e alegre duende, facto que explicava a facilidade com que descia pelas chaminés das casas. Mas foi mais recentemente, em 1860, que os artistas americanos criaram a imagem do Pai Natal tal qual o conhecemos actualmente: uma figura robusta, vestida com um fato vermelho, de longas barbas brancas, que carrega um saco cheio de brinquedos.

Os alemães acreditam que é Christkindl, Jesus Cristo, que traz os presentes para as crianças. Na véspera de Natal, os meninos e meninas são proibidos de entrar na sala onde está a árvore de Natal. Quando, finalmente, podem lê-los, já chegam tarde e não conseguem apañar Christkindl a deixar os presentes.

Em Itália, as crianças recebem os seus presentes no dia 6 de Janeiro de uma velha mulher chamada Befana. Segundo a lenda, Befana era uma avó que vivia em Belém na época em que Jesus Cristo nasceu. Quando ia visitar Jesus, encontrou os pastores e atrasou-se, chegando ao estibulo onde estava o menino Jesus tarde demais. Desde então, todos os anos pela altura do Natal, Befana vagueia pelo mundo procurando em todas as casas pelo menino Jesus, e deixando em cada casa um presente para o caso de ele lá estar.

Entrevista com o Pai Natal

Desejos deploravelmente materialistas

Nesta época, o mítico Pai Natal anda starfádissimo na compra de presente. Uma euforia comercial que anualmente invade a população, mas que, segundo o Pai Natal, nem sequer é culpa do comércio. Apenas, puro instinto pessoal... Para este Natal, o Pai Natal recomenda desejos mais espirituais, enquanto se vai queixando dos muitos deploravelmente materialistas que, todos os anos, chegam até si.

P - Pai Natal, está muito ocupado actualmente?

R - Ando bastante atarefado, para ser franco; são as prendas, cartas, renas, gnomos e os constantes problemas a descer as chaminés.

P - Muitas pessoas queixam-se que o Natal desapareceu sob a euforia comercial. Qual é a sua opinião?

R - Bem... como é que os romanos diziam quando eu era mais novo? Ah, *tempora mutantur et nos mutamur in illis*. Desculpe, continuo a recordar os tempos antigos - era um pouco latinista, mas isso foi há 2000 anos atrás. Agora os tempos mudaram. E o que é que podemos fazer, mesmo sendo o Pai Natal? Nada, receio eu. O comércio é algo que, hoje em dia, parece necessário para estimular o nosso comportamento instintivo. Eu vejo-o como algo vazio, que começa e acaba em si mesmo, não origina nada. Só cria para nós os meios e a variedade das coisas, ou seja, as ferramentas de diversão.

P - Pai Natal, e os valores espirituais do Natal?

R - No fundo, é a intenção que conta, penso eu. O Natal é um estado de espírito. Pode tê-lo no seu todo como a maioria das crianças, ou parcialmente, ou até perdê-lo. Podemos até fingi-lo, embora eu não consiga perceber o objectivo disso. Tudo o que acontece du-

zante do Advento é derivado de estados de espírito. É esta a razão porque eu não sou totalmente contra o sistema comercial. A culpa dos erros, que por vezes é atribuída ao comércio, durante a algarazara do Natal com prendas e todo o entusiasmo, não foram inventados

pelos comerciantes. Já existiam quando Jesus Cristo nasceu. Ouro, mirra e incenso... lembra-se disso, eram reais, não apenas presentes simbólicos imaginários.

P - Então para si o Natal são ofertas e presentes?

R - Sim, sem dúvida. Claro que, às vezes, sou ultrapassado por essa queixada das prendas de Natal, mas não importo de dar. Aliás, eu estou aqui para isso e penso que toda a gente deveria sentir o mesmo. Essa tem sido a minha política desde há 2000 anos.

P - O Pai Natal é mesmo verdadeiro?

R - Sim. Claro que existo. Iso nem se questiona. Quando um número suficiente de pessoas acredita em mim, de coração, a minha

existência espiritual é um facto. Estou a responder-lhe, não estou? Na principal teoria parece que há neve, renas e tudo - assim seja. A minha continua existência, do Pai Natal, é uma prova de que eu sou preciso e de que as pessoas acreditam em mim.

P - Acha que as pessoas são muito invejosas?

R - Continuo a receber uma quantidade inacreditável de desejos e são, na sua maioria, deploravelmente materialistas. Deste modo, uma mensagem que seja de um verdadeiro crente, é tão brilhante como o nariz do Rudolph... e mantém-me vivo.

P - Pai Natal, gostaria de nos dar um conselho para este Natal?

R - Sim. Não comam muito. E lembrem-se que as melhores ofertas de Natal são as espirituais - mútua compreensão e perdão.

Paulo Pontes, 7 anos

O Centro Comercial Oita abriu portas ao público a 26 de Março de 1983, tendo sido oficialmente inaugurado a 28 de Fevereiro de 1984. O nome da localidade japonesa surge do intercâmbio existente entre Aveiro e Oita, cidades que ao longo dos últimos anos selaram a geminação que as une com iniciativas e visitas diversas. Quinze anos ao longo dos quais tem sido prioridade o bem estar dos clientes e dos lojistas.

Ao longo dos últimos quinze anos o espaço sofreu algumas alterações mas sem que lhe tivesse sido modificada a estrutura principal; de facto, as mudanças mais significativas decorreram ao nível da localização das lojas e de pontuais mudanças de ramo comercial de alguns espaços. Alterações que, segundo Gaspar dos Santos, administrador do Oita, «só vieram beneficiar e enriquecer a estrutura comercial», uma vez que também os lojistas sentem necessidade de se adaptar, modernizar e remodelar as casas para melhor responder às necessidades dos clientes». Ainda recentemente foram remodeladas seis casas comerciais. Gaspar dos Santos lembra que «até há pouco tempo, só no Oita encontrávamos as melhores casas de fotografia de Aveiro e a maior área continuada de pronto-a-vestir da cidade».

O edifício Oita possui cerca de 85 lojas, um estúdio de cinema e uma área de serviços e escritórios onde se encontram instalados advogados, médicos, contabilistas, etc.

Edifício Oita Quinze anos a servir Aveiro

«Um espaço que dignifica a cidade»

Por não ter um único proprietário, o Oita não obedece à habitual política dos shoppings, isto é, as casas comerciais surgem em resposta às necessidades dos clientes. Uma estrutura que, segundo o administrador, «dignifica a cidade». Mas nem sempre foi fácil manter e assegurar a dignidade daquele espaço; o Oita passou por algumas fases menos boas em que a falta de segurança causou algumas dores de cabeça à administração e comerciantes. Problemas com frequentadores menos desejados estiveram mesmo na origem da mudança de horário de funcionamen-

to do centro comercial que passou a encerrar uma hora mais cedo, às 23h. Uma época de que Gaspar dos Santos nem se quer lembrar. Felizmente, tudo está hoje ultrapassado.

Em no centro da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, o Oita beneficia de uma localização central, um local de passagem por excelência até porque possibilita aos transeuntes uma mais fácil e rápida ligação à Rua Comandante Rocha Cunha. Até há bem pouco tempo o Oita constituía a maior superfície comercial de Aveiro. A realidade é hoje bem diferente. Existem novos espaços que, sendo novidade, acabam por atrair os consumidores. «Para que uns vendam, outros terão que

deixar de vender», mas apesar disso, Gaspar dos Santos está otimista porque «a grande afluência de pessoas à cidade, principalmente aos fins de semana, acaba por beneficiar todo o comércio». Mas o mesmo não se passa no dia a dia. «A cidade não tem estrutura para aguentar tantos espaços comerciais».

Para o futuro, a administração do Oita espera reforçar a ligação à cidade, dando continuidade a acções de cariz social levadas a efeito ao longo do ano passado: concursos de pintura, exposições de fotografia, cinema gratuito para crianças, só para dar alguns exemplos.

O Natal é sempre uma época de consumo por excelência. Um pouco por todo o lado se enfeitam as montanhas na tentativa de captar a atenção do maior número de consumidores possível. No centro comercial Oita, este ano, a administração promete, para além dos habituais atractivos e decoração natalícia, várias novidades e promoções. Com certeza que valerá a pena passar por lá.

Um lamento

Gaspar dos Santos não quis deixar passar a oportunidade sem lembrar que o centro comercial Oita é um dos únicos espaços físicos, na cidade, que lembram a geminação de Aveiro com a localidade japonesa. Apesar disso, ainda recentemente a Câmara recebeu uma comitiva do Japão e não «teve a amabilidade de avisar a administração do centro comercial» que gostaria de, simbolicamente, oferecer uma recepção aos japoneses de Oita.



Mais de 80 lojas ao seu dispor!

COMÉRCIO E SERVIÇOS

Desejamos a todos um Santo e Feliz Natal e um Bom e Próspero Ano Novo de 1999

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 146 - 3800 AVEIRO